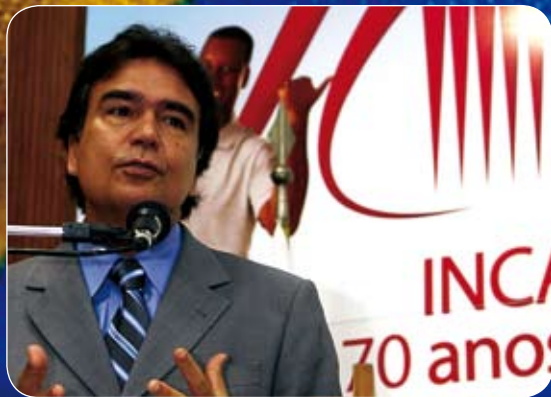


capa

COMEÇA O 2º CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONTROLE DO CÂNCER (ICCC)

Colaboração global já é realidade



Duda Vian

O ministro da Saúde, José Gomes Temporão, abre o congresso.

D e 25 a 28 de novembro, o Rio de Janeiro será a capital internacional do controle do câncer, dando as boas-vindas a mais de 500 autoridades da saúde e os maiores especialistas na doença que já é a segunda causa de mortes no mundo. Só no último ano, foram registrados 150 mil óbitos e estimados 470 mil casos novos de câncer no Brasil. Um volume maior do que o número de casos de Aids acumulados em 24 anos. É para reforçar o controle dessa doença e tentar melhorar esses indicadores que o INCA está realizando o mais importante encontro mundial sobre políticas na área do câncer, o 2º *International Cancer Control Congress (ICCC 2007)*. O objetivo central é reforçar a ótica mundial do câncer como problema de saúde pública e fomentar a criação de políticas globais que ampliem a prevenção e o diagnóstico precoce da doença, racionalizem os gastos públicos, reduzam a incidência de novos casos e melhorem a qualidade de vida de milhões de pacientes.

O evento conta com o apoio da Organização Mundial de Saúde (OMS) e a participação dos principais organismos internacionais de combate ao câncer, entre os quais a Associação Nacional de Câncer dos EUA, a Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), a Agência de Saúde Pública do Canadá, o Instituto Nacional de Tumor (Itália), a Fundação de Câncer da China, a Sociedade de Câncer de Nova Zelândia, O Instituto Nacional de Câncer do Egito, entre outros.

Segundo Simon Sutcliffe, presidente da Agência Canadense de Controle e Pesquisa de Câncer

(BC Cancer Agency), a realização da segunda edição do evento no Brasil deve-se à liderança que o INCA exerce na área do câncer e também ao fato do Instituto estar completando 70 anos. “Isso corrobora a qualidade do trabalho que é realizado por aqui e o compromisso do país com o combate à doença”, afirma.

Da primeira edição pra cá, a proposta do evento amadureceu. Para se ter uma idéia, o número de participantes saltou de 370 para 520 na segunda edição, bem como o número de países representados, que subiu de 65 para 80. O número de trabalhos inscritos também é superior. **Foram aprovados 434 trabalhos, sendo 368 de países da América Latina.** Além dos números, a edição brasileira ganha também em qualidade, envolvendo quase exclusivamente, representantes de diferentes países com poder decisório e autoridades na área do câncer. Enquanto a edição canadense concentrou ONGs e formadores de opinião, desta vez os participantes são em sua maioria gestores de saúde, diretores de instituições internacionais especializadas em câncer, autores de importantes estudos em seus países, entre outros perfis de destaque.

O idealizador do primeiro congresso e co-organizador do segundo, o canadense Simon Sutcliffe, admite ter se surpreendido com a proporção que o evento ganhou graças ao potencial de mobilização e integração do INCA que resultou num evento desse porte. “Não tenho dúvidas quanto a isso, até porque 75% das pessoas e dos trabalhos inscritos são da América Latina”, defende.

O cirurgião plástico e um dos organizadores do evento pelo INCA, José Kogut, acredita que, por essa edição focar a América Latina, atraiu o interesse de um continente inteiro predominado por países em desenvolvimento, onde o câncer faz mais vítimas. “Além disso, cá entre nós, é muito mais barato e interessante participar de um evento no Rio de Janeiro do que no Canadá”, brinca. Mas o diretor-geral Luiz Antonio Santini garante que tudo correu conforme a expectativa gerada em dois anos de trabalho. “Desde o início, trabalhamos com metas bem definidas e, embora o número de inscrições tenha superado o limite inicial de 450 inscrições, mantivemos a metodologia, a operacionalização e a qualidade do evento”, afirma.

O crescimento faz parte da sua evolução natural. Em 2005, o foco eram as iniciativas e políticas de controle do câncer dos países participantes. Assim, inevitavelmente, a primeira edição foi de apresentação dessas iniciativas. Houve troca de experiências e debate, mas os próprios participantes recomendaram a valorização e o aprofundamento das discus-

sões entre eles para a construção ou consolidação de ações e estratégias mais efetivas e adequadas à realidade de cada país. A partir dessa avaliação, a comissão internacional responsável pelo evento decidiu reestruturá-lo, ampliando o espaço para a formulação de estratégias.

O número de palestras foi reduzido para evitar que os participantes fiquem muito tempo apenas sentados, recebendo informações. “Esse é um evento onde todos escutarão a todos. Adotamos essa metodologia para evitar uma platéia de meros ouvintes. Todos podem e devem participar com idéias e propostas que futuramente consolidarão uma política para o controle do câncer na América Latina e, por que não, em todo o mundo”, explica Santini.

O diferencial desta edição é estimular o trabalho em rede entre pesquisadores, especialistas e gestores de saúde, que abordarão questões mais concretas ou próximas das características de cada país e suas prioridades para a saúde. Ao adotarmos essa postura, possibilitamos uma avaliação realista dos problemas e dificuldades comuns a diversos países, como, por exemplo, se é mais importante implementar uma ação para determinado tipo de câncer ou para alguma doença infecto-contagiosa.

Mas o que isso representa na prática? Ao retornar aos países de origem, os participantes terão um conhecimento maior de como problemas similares têm sido abordados em outros países, subsídios que facilitarão a implementação de estratégias mais eficientes a sua realidade. Estão previstas ainda sessões de planejamento efetivo de ações para que as autoridades presentes saiam do congresso, ao menos, com um esboço de estratégia ou ação bem adiantado.



Windsor Barra: Durante três dias, sede do encontro internacional.



Na véspera do **Dia Nacional de Combate ao Câncer (26/11)**, INCA apresenta à imprensa a *Estimativa de Câncer 2008-2009 no Brasil*, e lança o *Prêmio Inca – Ary Frauzino de Jornalismo*, um reconhecimento aos profissionais que se destacaram na cobertura jornalística do câncer em 2007.

Esse é apenas um dos enfoques do evento que inclui ainda o debate de novas tecnologias, equipamento e campanhas de prevenção, além claro do debate de ações nacionais e internacionais necessárias para fortalecer o intercâmbio de ações e conhecimento. Também aborda a produção de indicadores que apontam programas que vêm dando certo e reduzindo a incidência e a mortalidade de câncer. Para o idealizador canadense, o ICCC definitivamente se consolida como um fórum mundial de controle do câncer, o que já representa uma vitória contra a doença. “Esperamos que a terceira edição do evento, que deverá acontecer em 2009 em algum lugar da Ásia ou África, consiga repetir essa mobilização alcançada no Congresso do Rio”, concluiu.

A METODOLOGIA

O evento está organizado em seis sessões diferentes e, em cada, um tema diferente norteará as apresentações e debates: *Semelhanças e diferenças entre o controle de doenças crônicas e o câncer*; *Estratégias de prevenção do câncer - avanços até a presente data e desafios para implementação*; *Novas abordagens e tecnologias - adequando esforços renovados às realidades cultural e financeira*; *Controle do câncer e resultados - uso de indicadores em sistemas de saúde públicos e privados*; *O valor da proposta em investir no controle do câncer voltado à população*; e *Mobilização de uma comunidade global comprometida com a prática - promovendo a construção, a complementação e a sinergia das atividades em curso*.

Os temas principais são conduzidos por um ou dois palestrantes. Após as apresentações, é aberta a plenária, com duração prevista de 30 a 40 minutos, quando todos os participantes debatem abertamente. O próximo passo são os workshops. Neles, são constituídos livremente grupos menores de 10 a 12 integrantes, que debatem ações, estratégias, dúvidas e empecilhos referentes aos temas já apresentados. Nesta etapa, os participantes contarão com auxílio de um redator e facilitador, cujo papel é fomentar e coordenar as discussões. O objetivo é esboçar soluções e propostas que poderão integrar o documento final do congresso, a chamada Carta do Rio. Mas, para isso, todos os resumos dos workshops voltam à plenária no último dia, quando são debatidos e definidos junto a todos os participantes o conteúdo dessa carta, resultado final de todo o congresso.

REDE CONSOLIDADA

Entre os resultados do 2º ICCC, o lançamento oficial da Rede Ibero-Americana de Controle do Câncer é sem dúvida o produto final mais esperado. Desde que deu início aos preparativos desta edição, o INCA tem articulado com autoridades de mais de 78 países a instituição de uma rede de colaboração técnica e científica, que integrará pesquisas, bancos de tumores e de doadores, entre outras ações possíveis e necessárias para viabilizar o efetivo controle do câncer na América Latina. Como resultado do congresso, a expectativa é estabelecer metas, programas e instrumentos viáveis de serem operacionalizados e acompanhados por essa rede, que ainda deverá atender as características e demandas de cada região ou país. “O funcionamento da rede é bem complexo e dependerá de uma estrutura abrangente e eficiente de comunicação”, afirma o diretor-geral do INCA, Luiz Antonio Santini.

Além dos países latinos como Argentina, Cuba, México, Peru e Uruguai, o evento conta com o apoio e a participação dos principais centros de referência no tratamento do câncer, como os EUA e a França. Segundo o diretor, esse comprometimento só foi possível graças ao reconhecimento do trabalho que é realizado pelo INCA, que atraiu países interessados enquanto a proposta era articulada. “Será uma rede de conhecimento que indicará quem está fazendo o quê, e em que país. Isso facilitará o intercâmbio de informações e técnicas, possibilitando o avanço na abordagem do câncer em todo continente americano”, concluiu.

CONHEÇA ALGUNS DOS 450 TRABALHOS APRESENTADOS:

1 Assistência para o controle do câncer

A American Cancer Society adaptou as ferramentas de avaliação do câncer nos EUA à realidade e necessidade de quatro países, Brasil, México, Peru e Uruguai, a partir de entrevistas de gestores e da avaliação das políticas na área durante três meses. A partir desses resultados, foram identificadas duas áreas comuns e carentes de assistência: o desenvolvimento de recursos para o controle da doença e para a construção e manutenção das parcerias. O objetivo é estender a assessoria técnica a outros países interessados.

2 Bons exemplos da sociedade

ONGs latinas, como a FEMAMA do Brasil e a AMESE da Colômbia, têm realizado um trabalho de conscientização da população, dando visibilidade a uma rede de sobreviventes da doença que buscam acabar com o estigma e o preconceito que ainda fazem do câncer uma doença fatal. Um dos maiores obstáculos no controle da doença é a cultura do silêncio que a cerca.

3 Envolvendo a sociedade

O envolvimento da comunidade é fundamental melhorar os resultados na detecção precoce, no tratamento e nos demais indicadores do câncer. Nesse sentido, a American Cancer Society (ACS) oferece treinamento e recursos financeiros à ONGs de países da América Latina para consolidação de projetos de detecção precoce junto às comunidades, estimulando o envolvimento de voluntários, incluindo a avaliação das ações. O Programa também subsidia a criação de redes de comunicação e cooperação na área do câncer.

4 Melhor diagnóstico, melhores resultados

Para melhorar a eficácia do diagnóstico do câncer cervical, a OPAS desenvolve em San Martín, região amazônica do Peru, um programa de capacitação de parteiras para o diagnóstico precoce da doença. Em três anos, 36759 mulheres foram examinadas pelas parteiras locais, sendo que 6473 (17,6%) foram diagnosticadas com câncer.

5 Banco de tumores

Para acelerar a investigação das causas do câncer ou de novas tecnologias de tratamento, o Canadá criou uma rede de bancos de tumores - Canadian Tumor Repository Network (CTRNet). A rede é um consórcio sem fins lucrativos que disponibiliza tecidos humanos para pesquisa e avaliação da doença.

6 Sistema de informações

O INCA apresenta o sistema informatizado que integrará virtualmente todas as unidades de saúde registrando os dados do atendimento do câncer. O objetivo é reunir informações suficientes para o incremento das estratégias e ações de controle da doença a partir do perfil detalhado em cada região ou localidade. O novo sistema (Patologia NET) em breve integrará todos os outros sistemas eletrônicos de registro do câncer, como o SISCOLO (Sistema de Informação de Controle do Câncer do Colo do Útero) e o SISMAMA (Sistema de Informação do Câncer de Mama).

7 Evolução dos conceitos

O reconhecimento de agentes infecciosos associados a alguns tipos de câncer, como o HPV, põe em xeque as definições de doenças transmissíveis e não-transmissíveis. Além disso, a evolução das técnicas de tratamento também questiona a idéia do câncer como uma doença crônica. O trabalho desenvolvido no INCA capacita gestores de saúde cientificamente para a formulação de políticas públicas mais eficazes a partir dos recursos disponíveis.

8 Articulação contra o tabagismo

A criação da Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro (CONICQ) abriu novas possibilidades para o controle do tabagismo no Brasil, promovendo a intersetorialidade administrativa e legislativa, envolvendo diferentes setores do governo relacionados a diferentes aspectos do tabagismo. Pela primeira vez, o combate ao tabagismo deixa de ser questão de saúde para torna-se questão de estado, o que ainda incrementa todo o mecanismo de financiamento da política nacional de controle do tabaco, agora, subordinada e executada por 16 ministérios.

9 Atlas on-line

O INCA apresenta um aplicativo que fornece informações sobre a mortalidade do câncer usando os seguintes parâmetros: regiões geográficas, site principal, idade, sexo e período. Esse Atlas estará disponível na Internet para acesso público, e os relatórios e gráficos são de fonte oficial de informação, como Ministério da Saúde, Vigilância Sanitária e DATASUS. A expectativa é que novas e atualizadas evidências possam orientar melhor controle da doença.

10 Prevenção estratégica

Os programas de prevenção e detecção precoce do câncer de colo do útero devem considerar abordagens específicas para diferentes faixas etárias, aumentando sua eficácia. Essa é a conclusão do estudo apresentado pelo INCA que avaliou a prevalência dos aspectos epidemiológicos e clínicos relacionados a três diferentes grupos de pacientes, de diferentes faixas etárias. A partir de entrevistas e exames foram identificados possíveis fatores de risco e características clínicas semelhantes em cada grupo. ■

